

Nas profundezas

J.-K. Huysmans

tradução

Mauro Pinheiro

posfácio

Pedro Paulo Catharina

CARAMBAIA

I

— Você acredita tanto nessas ideias, meu caro, que acabou abandonando o adultério, o amor, a ambição, todos os temas domesticados pelo romance moderno, para escrever a história de Gilles de Rais – e, após uma pausa, acrescentou: — Não censuro o naturalismo nem seus termos chulos, seu vocabulário de latrinas e hospitais, pois isso seria injusto e absurdo; primeiro porque certos assuntos os requerem; depois porque, com o rebotinho de expressões e borra de palavras, é possível erigir obras imensas e poderosas; *A taberna*, de Zola, é prova disso; mas a questão é outra; o que eu critico no naturalismo não é a pesada têmpera de seu estilo tosco, é a imundice das suas ideias; o que critico é ter ele encarnado o materialismo na literatura, ter enaltecido a democracia da arte!

“Pois, diga você o que quiser, meu amigo, ainda assim, que teoria de cérebros famigerados, que sistema medíocre e estreito! Querer confinar-se às cafuas da carne, rejeitar o supracensível, renegar o sonho, não compreender que a curiosidade da arte começa onde os sentidos deixam de servir!

“Você dá de ombros, mas, vejamos, o que o seu naturalismo viu em todos esses desanimadores mistérios que nos cercam? Nada. Quando se tratou de explicar uma paixão qualquer, quando foi preciso sondar feridas, detergir até mesmo o mais benigno dos dodóis da alma, ele atribuiu tudo aos apetites e aos instintos. Cio e desatino são suas únicas diáteses. Resumindo, ele só vasculhou abaixo do umbigo e divagou de modo banal à medida que se aproximava das virilhas; é um herniário de sentimentos, um emplastador da alma, nada mais!

“E depois, Durtal, entenda, ele não é somente inábil e obtuso, ele é fétido, pois enalteceu esta vida moderna atroz, louvou o americanismo recente dos costumes, chegando a elogiar a força bruta, a fazer a apoteose da caixa-forte. Através de um prodígio de humildade, ele reverenciou o gosto nauseabundo das massas e, da mesma forma, repudiou o estilo, rejeitou todo pensamento altaneiro, todo impulso na direção do sobrenatural e do além. Representou tão bem as ideias burguesas que parece – palavra de honra – fruto do acasalamento de Lisa, a salsicheira de *O ventre de Paris*, e de Homais, de *Madame Bovary!*”

— Com os diabos, você está exagerando – respondeu Durtal, ofendido.

E, reacendendo o cigarro, acrescentou:

— O materialismo é tão repugnante para mim quanto para você, mas não é motivo para negar os inesquecíveis serviços que os naturalistas prestaram à arte; pois, afinal, foram eles que nos livraram dos fantoches inumanos do romantismo e que desvencilharam a literatura do idealismo apalermado e da inanição de solteirona exaltada pelo celibato! Em resumo, depois de Balzac, eles criaram seres visíveis e palpáveis, e os puseram em conformidade com seu ambiente; ajudaram o desenvolvimento da língua, iniciado pelos românticos; conheceram o riso verdadeiro e demonstraram, algumas vezes, até mesmo o dom das lágrimas; enfim, nem sempre foram movidos por esse fanatismo de vileza de que você fala!

— Foram, sim, pois adoram o século em que vivem e isso os condena!

— Mas que diabo! Nem Flaubert nem Goncourt amavam seu século!

— Eu admito; esses aí são os íntegros, os subversivos, os artistas altivos também, por isso os ponho totalmente à parte. E até confesso, sem me fazer de rogado, que Zola é um grande paisagista e um prodigioso manobrador das massas e intérprete do povo. E depois, graças a Deus, em seus romances ele não se ateu inteiramente às teorias de seus artigos, que adulam a intrusão do positivismo na arte. Mas quanto ao seu melhor discípulo, me refiro a Rosny, o único romancista de talento que se deixou impregnar pelas ideias do mestre, com um jargão químico malsão, isso se tornou um laborioso exibicionismo de erudição leiga, ciência de contramestre! Não, não há argumento, toda a escola naturalista, que continua vegetando, reflete os apetites de um tempo abominável. Com ela, chegamos a uma arte tão rasteira e rasa que de bom grado eu a chamaria de crustacismo. Ora, releia então seus últimos livros, e o que encontrará? Num estilo de vidraria ordinária, simples anedotas, notícias populares recortadas de jornais, nada além de contos desbotados e histórias duvidosas, sem sequer o esteio de alguma ideia sobre a vida e a alma que as sustente. Após terminar de ler um desses volumes, acontece-me de nem mesmo me lembrar das descrições descomedidas, do palavrório insípido que contêm; resta-me somente a surpresa de pensar que um homem foi capaz de escrever trezentas ou quatrocentas páginas sem ter absolutamente nada para revelar, nada para nos dizer.

— Pois bem, Des Hermies, se não se importar, mudemos de assunto, pois jamais vamos concordar sobre esse naturalismo que, só de ouvir falar, deixa-o nervoso. Vejamos, e esse tratamento médico Mattei, deu no quê? Seus frascos de electricidade e seus glóbulos conseguem pelo menos confortar alguns doentes?

— Que nada! São um pouco mais eficazes do que as panceias do Códice, o que não significa que seus efeitos sejam contínuos e garantidos; aliás, isso ou outra coisa qualquer... E agora vou embora, meu caro, pois são quase dez horas e o zelador do prédio vai apagar o gás da escada; boa noite e até breve, certo?

Quando a porta foi fechada, Durtal jogou um punhado de carvão no aquecedor e se pôs a refletir.

Aquela discussão com o amigo irritava-o sobretudo porque já fazia alguns meses que ele mesmo se questionava, e as teorias que acreditara inabaláveis agora se corroíam, se desintegravam pouco a pouco, atulhando seu espírito como escombros.

Apesar da virulência, as opiniões de Des Hermies o inquietavam.

Sem dúvida, o naturalismo confinado aos estudos monótonos de seres medíocres, evoluindo em meio a intermináveis inventários urbanos e rurais, conduzia diretamente à mais completa esterilidade, para quem fosse honesto e perspicaz, e, no caso contrário, às mais exaustivas lenga-lengas, às mais cansativas repetições; mas, fora do naturalismo, Durtal não via um romance possível, a não ser que se voltasse para as

frivolidades efusivas dos românticos, as obras lanuginosas de Cherbuliez e Feuillet, ou então para as historietas lacriméjantes de Theuriet e Sand!

E agora? Posto contra a parede, Durtal se batia desesperadamente contra teorias confusas, postulações incertas, difíceis de imaginar e delimitar, impossíveis de concluir. Ele não conseguia definir o que sentia, ou então havia chegado a um beco sem saída no qual temia penetrar.

Seria necessário, dizia a si mesmo, ficar com a veracidade do documento, com a precisão do detalhe, com a língua consistente e nervosa do realismo, mas também seria necessário fazer-se poceiro da alma, e não pretender explicar o mistério por meio das enfermidades dos sentidos; o romance, se fosse possível, deveria dividir-se em duas partes que, no entanto, ficassem fundidas, ou antes, confundidas, como o são na própria vida – a parte da alma e a do corpo –, e lidar com suas forças reagentes, seus conflitos e suas consonâncias. Em resumo, seria necessário seguir a grande via tão profundamente sulcada por Zola, mas seria também preciso traçar no ar um caminho paralelo, outra estrada, alcançar o aquém e o além e, resumindo, criar um naturalismo espiritualista que seria diversamente audacioso, completo e forte!

O fato é que, por ora, ninguém é capaz de fazê-lo. No máximo, poderíamos citar, como próximo desse conceito, Dos-toiévski. Ainda assim, esse russo exorável é antes um socialista evangélico que um realista elevado! Na França, no atual momento, no descrédito em que soçobra a receita puramente corpórea, restam dois clãs: o liberal, que põe o naturalismo

ao alcance dos salões, podendo-o de assuntos atrevidos e de linguagens novas, e o clã decadente, mais intransigente, que rejeita molduras, ambientes e até corpos, e, sob o pretexto de um diálogo entre almas, divaga na algaravia ininteligível dos telegramas. Na verdade, aquele se limita a esconder sua incomparável penúria de ideias sob um aturdimento proposital do estilo. Quanto aos orleanistas da verdade, Durtal não conseguia evitar o riso ao pensar na mixórdia pueril e coriácea dos autodenominados psicólogos, que jamais exploraram uma região incógnita do espírito, que jamais revelaram o menor desvão esquecido de uma paixão qualquer. Limitavam-se a adicionar às poções de Feuillet os sais secos de Stendhal; eram pastilhas meio doces, meio salgadas, uma literatura insípida!

Em resumo, repetiam em seus romances as lições de filosofia, as dissertações colegiais, sem se darem conta de que uma simples réplica de Balzac – esta, por exemplo, que ele empresta ao velho Hulot em *A prima Bette*: “Eu poderia levar a menina?” – é capaz de revelar mais as profundezas da alma do que todas essas teses acadêmicas! Além disso, inútil esperar deles qualquer arrebatamento, qualquer impulso na direção de outros horizontes. O verdadeiro psicólogo do século, dizia consigo mesmo Durtal, não é o Stendhal deles, mas aquele surpreendente Ernest Hello, cujo inexpugnável insucesso tem algo de prodigioso.

Assim, ele acabava acreditando que Des Hermies tinha razão. Era verdade, nada mais se mantinha em pé no estado desordenado das letras; nada, senão uma necessidade do

sobrenatural que, na falta de ideias mais elevadas, tropeçava em toda parte, como podia, no espiritismo e no ocultismo.

Encurralando-se assim nesses pensamentos, a fim de se aproximar do ideal que de qualquer maneira queria alcançar, ele acabava bordejando, mudando de rumo e chegando a outra arte, a pintura. Ali, seu ideal se achava plenamente realizado pelos primitivistas.

Estes tinham, sobretudo na Itália, na Alemanha e em Flandres, aclamado as imaculadas amplidões das almas santas; em seus cenários autênticos, pacientemente verazes, surgiam alguns seres em posturas naturais, com uma realidade fascinante e segura; e daquela gente, muitas vezes de rosto comum, daquelas fisionomias às vezes feias, mas poderosamente evocadas em seu conjunto, emanavam alegrias celestiais, aflições agudas, bonanças espirituais, ciclones da alma. Havia, de alguma maneira, uma transformação da matéria distendida ou comprimida, uma fuga para fora dos sentidos, lançando-se sobre longínquos infinitos.

A revelação desse naturalismo Durtal tivera no ano anterior, quando se sentia menos farto que agora do ignominioso espetáculo daquele fim de século. Ocorrera-lhe na Alemanha, diante de uma crucificação de Matthias Grünewald.

Ele se arrepiou na poltrona e fechou os olhos quase dolorosamente. Com extraordinária lucidez, podia rever o quadro, ali à sua frente, agora que o evocava; e o mesmo grito de admiração que soltara ao entrar na exígua sala do museu de Cassel ainda urrava no interior da sua mente, enquanto, naquele quarto, Cristo se erguia, formidável, na cruz, cujo

tronco era atravessado, à guisa de braços, por um galho de árvore que se curvava, qual um arco, sob o peso do corpo.

Aquele galho parecia pronto a aprumar-se e, por piedade, arremessar para longe desta terra de ultrajes e crimes as pobres carnes presas ao chão pelos enormes pregos que lhe atravessavam os pés.

Deslocados, quase arrancados dos ombros, os braços do Cristo pareciam amarrados em toda a extensão pelas cintas retorcidas dos músculos. A axila fraturada cedia; as mãos, inteiramente abertas, brandiam dedos desvairados que ainda assim abençoavam, num gesto confuso de prece e exprobração; os músculos do peito tremiam, untados de suor; o torso estava raiado pelos arcos das costelas expostas; as carnes estavam inchadas, cobertas de erupções e azuladas, salpicadas de picadas de pulgas, marcadas como por furos de agulhas pelas pontas das varas que, fendidas sob a pele, ainda as rasgavam com suas farpas.

O pus começava a escorrer; a chaga fluvial do flanco jorrava mais espessa, inundando o quadril com um sangue semelhante ao sumo escuro das amoras; do peito ressudavam serosidades rosáceas, secreções leitosas, líquidos que lembravam o vinho âmbar do Mosela, encharcando o ventre, sob o qual ondulava a superfície bufante de um pano; em seguida, nos joelhos unidos à força, colidiam as rótulas, e as pernas, tortas, afilavam-se até os pés, que, sobrepostos, se estendiam, crescendo em meio à putrefação, esverdeados sob o rio de sangue. Aqueles pés esponjosos e coalhados eram horríveis; a carne brotava, envolvendo a cabeça do prego, e os dedos

crispados contradiziam o gesto suplicante das mãos, amaldiçoavam, quase arranhando com a ponta córnea, azulada, das unhas o ocre do solo, impregnado de ferro, semelhante às terras púrpuras da Turíngia.

No alto daquele cadáver em erupção, a cabeça atormentada e enorme; envolvida por uma coroa irregular de espinhos, ela pendia, extenuada, entreabrindo apenas um olho lívido no qual estremecia ainda uma expressão de dor e assombro; a face escarpada, a testa desmantelada, as bochechas exauridas; todo o semblante, tombado, chorava, enquanto a boca descerrada ria com a mandíbula contraída por espasmos tetânicos, atrozes.

O suplício havia sido medonho, a agonia aterrorizara a alegria dos carrascos, levando-os a fugir.

Agora, contra o céu de um azul noturno, a cruz parecia encolher-se, baixa, quase ao rés do chão, velada por duas figuras paradas, cada qual de um lado do Cristo: uma, a Virgem, coberta por um capuz de um rosa sanguíneo e seroso, que caía em ondas cerradas sobre um vestido azul desbotado e de longas pregas, Virgem rígida e pálida que, deformada pelas lágrimas, soluça com os olhos fixos, cravando as unhas nos dedos das mãos; a outra, São João, uma espécie de andarilho, de camponês moreno da Suábia, alto, com a barba encrespada em pequenos cachos, vestido com roupas largas, como que talhadas em cortiça, coberto por uma túnica escarlate e um manto amarelo acamurçado cujo forro, arregaçado na altura das mangas, ganhava o tom esverdeado e febril dos limões imaturos. Esgotado pelas lágrimas, porém mais resistente que Maria – esta, apesar de aniquilada e derreada,

mantém-se em pé –, ele une as mãos num impulso e se ergue na direção daquele cadáver e o contempla com olhos vermelhos e turvos, sufocando e gritando, em silêncio, no desassossego de sua garganta surda.

Ah! Diante desse Calvário ensanguentado e embaçado de lágrimas, estava-se bem longe dos complacentes Gólgotas que a Igreja adota desde a Renascença! Aquele Cristo tetânico não era o Cristo dos Ricos, o Adônis da Galileia, o dândi saudável, o belo rapaz de mechas ruivas, barba repartida, traços equinos e inexpressivos que, há quatrocentos anos, os fiéis adoraram. Aquele ali era o Cristo de São Justino, São Basílio, São Cirilo, Tertuliano, o Cristo dos primeiros séculos da Igreja, o Cristo vulgar, feio, por ter assumido toda a soma dos pecados e ter-se coberto, por humildade, com as formas mais abjetas.

Era o Cristo dos Pobres, aquele que se assimilou aos mais miseráveis dentre os que veio resgatar, aos desgraçados e aos mendigos, a todos aqueles contra cuja feiura ou indigência se encarniça a covardia do homem; e era também o mais humano dos Cristos, um Cristo de carnes tristes e fracas, abandonado pelo Pai, que só interviera quando mais nenhuma dor era possível, o Cristo assistido apenas pela Mãe, que ele, como todos os torturados, deve ter chamado com gritos de criança, Mãe agora impotente e inútil.

Num derradeiro gesto de humildade, sem dúvida, ele suportara que a Paixão não ultrapassasse a envergadura permitida aos sentidos; e, obedecendo a ordens incompreensíveis, aceitou que sua Divindade fosse por assim dizer interrompida após os tapas e as varadas, os insultos e as cusparadas,

após todas aquelas pilhagens do sofrimento, até as dores horripáveis de uma agonia sem fim. Assim, pôde sofrer mais, esterrotar, morrer, tal qual um bandido, tal qual um cão, de maneira imunda, vil, até as raias da ignominiosa degradação, até a última humilhação das pústulas!

É verdade que o naturalismo jamais se desviara para temas semelhantes; pintor algum jamais conseguira remexer dessa maneira a vala divina e encharcar tão brutalmente o pincel nas poças de humores e nos vasos sanguinolentos das perfurações. Era excessivo e terrível. Grünewald foi o mais furioso dos realistas. Contudo, observando-se aquele Redentor de prostíbulo, aquele Deus de necrotério, tudo mudava. Daquela cabeça ulcerada, filtravam-se clarões; uma expressão sobre-humana iluminava a efervescência das carnes, a eclampsia dos traços fisionômicos. Aquela carcaça de asas pandas foi um Deus e, sem auréola, sem nimbo, no simples atavio daquela coroa desgrenhada, semeada dos grãos vermelhos das gotas de sangue, Jesus aparecia, em sua celeste supraessência, entre a Virgem, aniquilada, ébria de tanto chorar, e São João, cujos olhos calcinados já não eram capazes de verter lágrimas.

Aqueles rostos, inicialmente tão vulgares, resplandeciam, transfigurados pelos excessos daquelas almas extraordinárias. Já não havia bandidos, pobreza ou gente rústica, apenas seres supraterrâneos aos pés de um Deus.

Grünewald foi o mais furioso dos idealistas. Jamais pintor algum havia exaltado a elevação de modo tão magnífico, nem saltado tão resolutamente do cume da alma ao orbe insano de um céu. Ele tinha alcançado os dois extremos e conseguido

extrair de um lixo triunfal o aroma das mais delicadas afeições, as essências dos mais pungentes prantos. Naquele quadro, revelava-se a obra-prima da arte coagida, intimada a traduzir o invisível e o tangível, a representar a imundice lamentável do corpo, a sublimar a infinita angústia da alma.

Não, aquilo não tinha equivalente em língua alguma. Na literatura, algumas páginas de Anne Emmerich sobre a Paixão chegavam perto – porém atenuadas – do ideal de realismo sobrenatural e de vida verídica e exurgida. Talvez também algumas efusões de Ruysbroeck, lançadas em jatos geminados de chamas brancas e negras lembrassem, em certos detalhes, a divina abjeção de Grünewald; ainda assim, não, esta continuava sendo única, pois estava a um só tempo fora de alcance e no nível do chão.

Mas então..., pensou Durtal, despertando de seu devaneio, mas então, se me ateno à lógica, sou conduzido ao catolicismo da Idade Média, ao naturalismo místico; ah, não, isso não, ou sim, quem sabe!

Ele se achava diante daquele beco sem saída do qual se esquivava no momento em que percebia sua entrada, pois, por mais que se examinasse, não se sentia exaltado por nenhuma fé. Decididamente, não havia premonição alguma da parte de Deus e lhe faltava a vontade necessária a entregar-se e deslizar, sem se conter, para as trevas dos dogmas imutáveis.

Por instantes, após certas leituras, quando se acentuava a repugnância à vida que o cercava, ele ansiava por horas lenitivas no fundo de um claustro, pelas sonolências das preces esparsas na fumaça de incensos, pelos esgotamentos

de ideias vogando à deriva nos cantos dos salmos. Mas para degustar a alegria da entrega era preciso uma alma simples, livre de detritos, uma alma nua, e a sua estava atolada nas lamas, macerada no sumo concentrado dos estercos. Ele era capaz de admitir que aquele desejo momentâneo de crer para se refugiar fora dos tempos muitas vezes emergia do estrume de pensamentos mesquinhos, do cansaço de detalhes ínfimos porém repetidos, do esmorecimento de uma alma transida pela quarentena, pelas discussões com a lavadeira e nas tascas, pelos aborrecimentos com dinheiro, pelos dissabores dos prazos. Chegava a pensar em se esconder num convento, assim como as moças que entram num prostíbulo para se livrar dos perigos das perseguições, das preocupações com a alimentação e o aluguel, das obrigações de lavar roupa.

Solteiro e sem fortuna, pouco preocupado agora com os prazeres carnais, certos dias ele amaldiçoava aquela existência que criara para si mesmo. Inevitavelmente, nas horas em que se cansava de lutar contra as frases e largava a pena, olhava à frente e não enxergava no futuro senão motivos de amargura e de pânico; então, procurava consolo, apaziguamento, e só lhe restava então admitir que apenas a religião era capaz de tratar, com o mais aveludado dos unguentos, as mais impetuosas chagas; porém ela exige em troca tal abandono do senso comum, tamanha vontade de não mais se espantar com coisa alguma, que ele acabava por se afastar, sem contudo perdê-la de vista.

E, de fato, rondava constantemente à sua volta, pois ela, embora não repouse sobre nenhuma base sólida, ao menos

irrompe em tantas eflorescências que a alma jamais conseguiria aderir a caules mais ardentes, ascender com eles, entregando-se ao arrebatamento, além das distâncias, além dos mundos, até alturas tão extraordinárias; além disso, ela influenciava Durtal com sua arte extática e íntima, com o esplendor de suas lendas, com a radiante ingenuidade das vidas dos Santos.

Embora não acreditasse, ele admitia o sobrenatural, pois, aqui na terra, como negar o mistério que surge, em nós, ao nosso lado, na rua, em todo lugar, quando paramos para pensar? Era deveras muito fácil rejeitar as relações invisíveis, extra-humanas, lançar à conta do acaso – por sinal, também indecifrável – os eventos imprevistos, os azares e as sortes. Porventura certos encontros não decidiam frequentemente toda a vida de um homem? O que eram o amor, as influências incompreensíveis, ainda que formais? Por fim, o mais desconcertante dos enigmas não seria também o do dinheiro?

Pois, afinal de contas, nesse ponto deparávamos com uma lei primordial, uma lei orgânica atroz, decretada e aplicada desde que o mundo existe.

Suas regras são contínuas e sempre nítidas. Dinheiro atrai dinheiro, procura aglomerar-se nos mesmos lugares, indo de preferência para os facínoras e para os medíocres; ademais, quando, por alguma inescrutável exceção, ele se acumula nas mãos de um homem rico cuja alma não seja assassina nem abjeta, ele se torna estéril, incapaz de se converter em algum bem inteligente, inapto, mesmo em mãos caridosas, a atingir um objetivo que seja elevado. Parece até que assim se vinga

de seu falso destino, que se paralisa voluntariamente, quando não pertence aos últimos dos velhacos nem aos mais repugnantes dos boçais.

É ainda mais singular quando, excepcionalmente, se extravia e vai parar na casa de um pobre; então o suja imediatamente, se for alguém limpo; torna lúbrico o mais casto indigente, age ao mesmo tempo sobre o corpo e a alma, logo sugere a seu dono um egoísmo vil, um orgulho ignóbil, insinua-lhe que deve gastar o dinheiro só para si mesmo, faz do homem mais humilde um lacaio insolente, do mais generoso, um avarento. Num instante, muda todos os hábitos, subverte todas as ideias, metamorfoseia as paixões mais obstinadas num piscar de olhos.

Ele é o alimento mais nutritivo dos maiores pecados e, de certa forma, é também seu contador vigilante. Se permite que seu possuidor se esqueça de si mesmo, dê esmolas, obsequie um pobre, imediatamente suscita nesse pobre o ódio ao favor prestado; substitui avareza por ingratidão, restabelece o equilíbrio, de modo que consegue fechar a conta, e que não fique faltando sequer um pecado cometido.

Mas o momento em que se torna realmente monstruoso é quando, ocultando o brilho de seu nome sob o véu negro de uma palavra, ele se intitula capital. E aí sua ação já não se limita a incitações individuais, aconselhando roubos e assassinatos, mas se estende a toda a humanidade. Com uma palavra, o capital decide monopólios, edifica bancos, apodera-se de substâncias, dispõe da vida e, se quiser, pode matar de fome milhares de seres.

Enquanto isso, alimenta-se, engorda, prolifera sozinho dentro de um cofre; e os Dois Mundos o adoram de joelhos, morrem de desejos diante dele, como diante de um Deus.

Pois bem, ou o dinheiro, senhor das almas, é diabólico, ou é impossível explicá-lo. E quantos outros mistérios há, ininteligíveis como esse, quantas ocorrências há, diante das quais quem reflete deveria tremer!

Mas, pensava Durtal, posto que chafurdamos no desconhecido, por que não crer na Trindade, por que repelir a divindade de Cristo? Podemos também simplesmente admitir o *credo quia absurdum*¹ de Santo Agostinho e repetir, com Tertuliano, que se o sobrenatural fosse compreensível, não seria sobrenatural, e é justamente por ultrapassar as faculdades do homem que ele é divino.

E, no fim das contas, dane-se! É mais simples parar de pensar em tudo isso. E, novamente, ele recuou, incapaz de convencer sua alma a dar o salto quando ela, à beira da razão, estava no vazio.

No fundo, tinha divagado para longe de seu ponto de partida, daquele naturalismo tão atacado por Des Hermies. Agora, voltava ao meio do caminho, a Grünewald, e dizia a si mesmo que aquele quadro era o protótipo exasperado da arte. Era completamente inútil ir tão longe e, pretextando o além, acabar no mais fervoroso catolicismo. Talvez lhe bastasse ser espiritualista para conceber o supranaturalismo, única fórmula que lhe era conveniente.

1 Literalmente, *creio porque (é) absurdo*. [Todas as notas são desta edição]

Levantou-se, deu alguns passos pelo pequeno cômodo; os manuscritos que se empilhavam na mesa, suas anotações sobre o marechal Rais, o Barba Azul, fizeram-no sorrir.

Assim mesmo, exclamou, quase alegre: só existe felicidade em nossa casa e acima do nosso tempo. Ah, encerrar-se no passado, reviver ao longe, sem sequer ler um jornal, ignorar a existência de teatros, que sonho! E esse Barba Azul me interessa mais do que o vendeiro da esquina, do que todos esses figurantes de uma época tão perfeitamente alegorizada pelo garçom do café que, para dar o golpe do baú, viola a filha do patrão, a palerma, como a chama!

Isso e a cama, acrescentou ele, sorrindo, pois via seu gato, bicho muito bem informado das horas, observá-lo com preocupação, convocá-lo para as conveniências mútuas, censurá-lo por não ter preparado o leito. Depois de ter ajeitado os travesseiros, ele abriu o cobertor, e o gato pulou para os pés da cama, mas ficou sentado, com o rabo sobre as duas patas, aguardando que o dono se deitasse para pisotear um espaço e fazer seu ninho.